



Março/2012



GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS
SECRETARIA DE ESTADO DE PLANEJAMENTO E GESTÃO - SEPLAG
E POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE MINAS GERAIS - PMMG

Concurso Público para provimento do cargo de
Professor de Educação Básica - PEB - Nível I - Grau A
Língua Portuguesa

Nome do Candidato _____

Caderno de Prova 'K', Tipo 001

Nº de Inscrição _____

MODELO

Nº do Caderno _____

MODELO1

Nº do Documento _____

0000000000000000

ASSINATURA DO CANDIDATO _____

00001-0001-0001

P R O V A

Conhecimentos Gerais
Conhecimentos Específicos

INSTRUÇÕES

- Verifique se este caderno:
 - corresponde a sua opção de cargo.
 - contém 60 questões, numeradas de 1 a 60.Caso contrário, reclame ao fiscal da sala um outro caderno.
Não serão aceitas reclamações posteriores.
- Para cada questão existe apenas UMA resposta certa.
- Você deve ler cuidadosamente cada uma das questões e escolher a resposta certa.
- Essa resposta deve ser marcada na FOLHA DE RESPOSTAS que você recebeu.

VOCÊ DEVE

- Procurar, na FOLHA DE RESPOSTAS, o número da questão que você está respondendo.
- Verificar no caderno de prova qual a letra (A,B,C,D) da resposta que você escolheu.
- Marcar essa letra na FOLHA DE RESPOSTAS, conforme o exemplo: (A) ● (C) (D)

ATENÇÃO

- Marque as respostas primeiro a lápis e depois cubra com caneta esferográfica de tinta preta.
- Marque apenas uma letra para cada questão, mais de uma letra assinalada implicará anulação dessa questão.
- Responda a todas as questões.
- Não será permitida qualquer espécie de consulta, nem o uso de máquina calculadora.
- A duração da prova é de 4 horas, para responder a todas as questões e preencher a Folha de Respostas.
- Ao término da prova, devolva este caderno de prova ao aplicador, juntamente com sua Folha de Respostas.
- Proibida a divulgação ou impressão parcial ou total da presente prova. Direitos Reservados.

**CONHECIMENTOS GERAIS****Língua Portuguesa**

Atenção: Para responder às questões de números 1 a 6, considere o texto seguinte.

Texto I**Os animais e a linguagem dos homens**

Essa mania que tem o homem de distribuir pela escala zoológica medidas de valor e índices de comportamento que, na escala humana, sim, é que podem ser aferidos com justeza!

Por que chamamos de zebra a uma pessoa estúpida, que não tem as qualidades da zebra? Esta sabe muito bem defender-se dos perigos pela vista, pelo olfato e pela velocidade, sem esquecer a graça mimética de suas listras, úteis para a dissimulação entre folhas. Se ela não é dócil às ordens do treinador, se não aprende o que este quer ensinar-lhe, tem suas razões. É um ensino que não lhe convém e que a humilha em sua espontaneidade. Repele a escravidão, que torna lamentáveis os mais belos e inteligentes animais de circo, tão superiores a seus donos.

Gosto muito de La Fontaine, não nego; a graça de seus versos vende as fábulas, que são entretanto uma injúria revoltante à natureza dos animais, acusados de todos os defeitos humanos. O moralista procura corrigir falhas características de nossa espécie, atribuindo-as a bichos que, não sabendo ler, escrever ou falar as línguas literárias, não têm como defender-se, repelindo falsas imputações. O peru, o burro, a toupeira, a cobra, o ouriço e toda a multidão de seres supostamente irracionais, mas acusados de todos os vícios da razão humana, teriam muito que retrucar, se lhes fosse concedida a palavra num sistema verdadeiramente representativo, ainda por ser inventado.*

Sem aprofundar a matéria, inclino-me a crer que o nosso conhecimento dos animais é bem menos preciso do que o conhecimento que eles têm de nós. Não é à toa que nos temem e procuram sempre manter distância ou mesmo botar sebo nas canelas (ou asas ou barbatanas ou ...) quando o bicho-homem se aproxima. Muitas vezes nosso desejo de comunicação e até de repartir carinho lhes cheira muito mal. A memória milenar adverte-lhes que com gente não se brinca. Homens e mulheres que sentem piedade pelos animais, e até amor, constituem uma santa minoria, e eles salvarão a Terra. Mas será que os outros, a volumosa maioria, os caçadores, os torturadores, os mercados de vidas, vão deixar?

* **La Fontaine** – fabulista francês do século XVII.

(Carlos Drummond de Andrade. **Moça deitada na grama**. Rio de Janeiro: Record, 1987, pp. 139-141, crônica transcrita com adaptações)

1. Identifica-se corretamente no texto

- (A) justificativa em torno da necessidade de aplicar lições de moral a pessoas que desrespeitam a ética, por meio de animais que simbolizam defeitos humanos.
- (B) crítica a respeito da pouca dedicação dos homens aos animais, mesmo reconhecendo as falhas e defeitos ligados à irracionalidade dos bichos.
- (C) inclinação do autor em defesa dos animais, aos quais certo hábito humano tende a atribuir defeitos do próprio homem.
- (D) reconhecimento do valor moral embutido nas fábulas em que, por meio de animais, os escritores antigos recriminavam os maus costumes dos homens.

2. *Se ela não é dócil às ordens do treinador, se não aprende o que este quer ensinar-lhe, tem suas razões. É um ensino que não lhe convém e que a humilha em sua espontaneidade. Repele a escravidão, que torna lamentáveis os mais belos e inteligentes animais de circo, tão superiores a seus donos.* (2º parágrafo)

É correto perceber o segmento transcrito acima como

- (A) proposição de confronto entre uma visão pessoal a respeito de determinado comportamento animal e uma realidade inteiramente oposta.
- (B) articulação entre a finalidade de determinada situação e sua justificativa imediata, encaminhada para uma hipótese provável.
- (C) raciocínio dedutivo, com base em articuladores que estabelecem relações entre hipóteses, explicações e conclusão coerente.
- (D) decorrência da apresentação de fatos, relacionados por elementos que exprimem as causas e as consequências desses mesmos fatos.

3. *...e toda a multidão de seres supostamente irracionais, mas acusados de todos os vícios da razão humana...* (3º parágrafo)

A afirmativa acima aponta para

- (A) censura evidente a todos os vícios da razão humana, em consonância com os escritores moralistas que, desde tempos mais remotos, objetivavam incentivar o comportamento ético entre os homens.
- (B) ironia do autor, decorrente da aproximação das expressões *seres supostamente irracionais* e *os vícios da razão humana*, realçada pelo emprego de conjunção adversativa.
- (C) exagero intencional do autor, ao empregar o coletivo *multidão*, embora as fábulas tragam como exemplos apenas alguns poucos animais, vistos como *seres supostamente irracionais*.
- (D) incoerência, ainda que intencional, decorrente do emprego de expressões cujo sentido é claramente antagônico, ou seja, associação entre *seres irracionais* e *razão humana*.

4. *Muitas vezes nosso desejo de comunicação e até de repartir carinho lhes cheira muito mal. A memória milenar adverte-lhes que com gente não se brinca.* (último parágrafo)

O trecho acima está expresso com outras palavras, mantendo-se a lógica e, em linhas gerais, o sentido original, em:

- (A) Os animais receiam até mesmo nossas demonstrações de afeto porque sabem, por instinto, que não devem confiar nas pessoas.
- (B) Todos os animais desejam, por isso mesmo, receber demonstrações de afeto, porém se lembram dos maus-tratos que às vezes acontecem.
- (C) A comunicação entre homens e animais nem sempre se realiza, pois que eles temem essas atitudes, muitas vezes desagradáveis.
- (D) Desde o início dos tempos, a comunicação entre homens e animais ofereceu problemas nesse relacionamento, que os afasta, com desconfiança.



5. *...e procuram sempre manter distância ou mesmo botar sebo nas canelas (ou asas ou barbatanas ou...) quando o bicho-homem se aproxima. (último parágrafo)*

No segmento grifado, o autor

- (A) acaba por suprimir informações mais específicas no contexto, ao atribuir atitudes humanas aos animais em possível risco de vida.
- (B) se utiliza de expressões típicas da fala, intenção realçada pelo uso dos parênteses, mas que não são condizentes com a finalidade literária do texto.
- (C) ironiza a tendência humana de desprezar o conhecimento dos hábitos dos animais quando estes se sentem ameaçados.
- (D) usa em relação aos animais uma expressão coloquial geralmente associada ao comportamento humano, com efeito humorístico.

6. Considere o que está sendo afirmado com base em cada um dos segmentos abaixo. Está correto o que consta em:

- (A) *Por que chamamos de zebra a uma pessoa estúpida, que não tem as qualidades da zebra? Esta sabe muito bem defender-se dos perigos pela vista, pelo olfato e pela velocidade, sem esquecer a graça mimética de suas listas, úteis para a dissimulação entre folhas.*

O emprego do pronome demonstrativo **Esta**, em substituição à palavra **zebra**, garante a continuidade lógica e coerente do desenvolvimento.

- (B) *Gosto muito de La Fontaine, não nego; a graça de seus versos vende as fábulas, que são entretanto uma injúria revoltante à natureza dos animais, acusados de todos os defeitos humanos.*

O emprego do pronome possessivo **seus** com o substantivo **versos**, no plural, cria ambiguidade no contexto, marcada ainda pela forma verbal **vende**, no singular.

- (C) *O moralista procura corrigir falhas características de nossa espécie, atribuindo-as a bichos que, não sabendo ler, escrever ou falar as línguas literárias, não têm como defender-se, repelindo falsas imputações.*

O pronome relativo **que** tem por referente, no contexto, o substantivo **moralista**.

- (D) *O peru, o burro, a toupeira, a cobra, o ouriço e toda a multidão de seres supostamente irracionais, mas acusados de todos os vícios da razão humana, teriam muito que retrucar, se lhes fosse concedida a palavra num sistema verdadeiramente representativo, ainda por ser inventado.*

No lugar do pronome pessoal oblíquo **lhes** poderia ter sido empregada a forma **os**, porque substitui a expressão **todos os vícios da razão humana**.

- Atenção: Para responder às questões de números 7 a 10, considere o **Texto I** e também os textos seguintes.

Texto II

FÁBULA – Foi entre os antigos uma espécie de forma quase sempre em verso. A partir do romantismo a prosa começou a ser sua forma mais comum. A fábula, de um modo geral, apresenta duas características:

- a) Ter por assunto a vida dos animais.
- b) Ter por finalidade uma lição de moral.

(Hênio Tavares. **Teoria Literária**. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1969, p. 132)

Texto III

Presos 6 em operação contra venda de animais na web

– Seis pessoas foram presas hoje, durante uma operação da Polícia Federal para desarticular uma quadrilha que vende animais silvestres e exóticos, sem autorização, pela internet. A ação, batizada de Arapongas, feita em conjunto com o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis (Ibama), foi deflagrada nos Estados do Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Ceará e Paraíba.

Os animais eram vendidos por meio de um site para diversos estados do país e do exterior. Os investigados recebiam encomendas de todo tipo de animais, como répteis, anfíbios, mamíferos e pássaros – algumas espécies até mesmo em extinção. Esses animais seriam obtidos por meio ilícito, como criadouros irregulares e captura na natureza. Além das prisões, foram cumpridos 25 mandados de busca e apreensão.

Os investigados responderão pelos crimes de tráfico internacional de fauna, tráfico de animais silvestres nativos, estelionato, sonegação fiscal, falsidade ideológica e biopirataria.

(<http://www.estadao.com.br/noticias/geral>. Acesso 14/08/2011)

7. Considerando-se os três textos, a afirmativa correta é:

- (A) Os **Textos II** e **III**, informativos, mantêm pouca relação de sentido com o **Texto I**, cujo desenvolvimento se restringe à intenção estético-literária.
- (B) Com base nas informações trazidas pelo **Texto II**, é correto incluir o **Texto I** entre as fábulas, ainda que tenha sido adotada a forma em prosa por seu autor.
- (C) O **Texto II** tem função estritamente instrucional, como suporte para a elaboração de textos de diferentes gêneros, como, por exemplo, os **Textos I** e **III**.
- (D) O **Texto I** é marcadamente opinativo, com defesa de ponto de vista pessoal, enquanto o **Texto III** é somente informativo, ou seja, apresenta fatos.



8. Considerando-se o teor do **Texto III**, é correto afirmar:

- (A) A informação apresentada pode ser entendida como fato que justifica plenamente a dúvida expressa pela interrogação final constante do **Texto I**.
- (B) A operação deflagrada pela polícia atesta que a intenção moral embutida nas fábulas, como se lê no **Texto II**, costuma surtir o efeito desejado.
- (C) Denúncias recebidas pela internet acentuam o alcance dos recursos tecnológicos utilizados pela polícia na repressão ao crime organizado.
- (D) O comércio irregular de animais compromete atualmente a aceitação do valor moralizante das fábulas, por desconsiderar as características de cada espécie.

9. É correto afirmar que os **Textos I e III**

- (A) se constroem a partir de uma mesma finalidade, já que os autores se dirigem diretamente ao interlocutor, com intenção moralizante.
- (B) se aproximam por terem como assunto a relação entre o homem e os animais, embora se trate de gêneros distintos, com distinta finalidade.
- (C) apresentam estrutura idêntica, sustentada por um mesmo assunto, com a finalidade de coibir abusos contra os animais.
- (D) são divergentes, a considerar-se o teor de cada um deles: o **Texto I** com certa crítica ao comportamento dos animais e o **Texto III**, em sua defesa.

10. *Esses animais seriam obtidos por meio ilícito, como criadouros irregulares e captura na natureza. (Texto III)*

É correto depreender da afirmativa acima, especialmente em relação ao emprego da forma verbal,

- (A) afirmativa concreta, em razão das informações confirmadas pela deflagração da operação policial.
- (B) fato habitual, que se estende de maneira constante e repetitiva por um tempo relativamente longo.
- (C) hipótese provável, a considerar-se a ausência de dados conclusivos até aquele momento.
- (D) constatação imediata, a partir das evidências a respeito do comércio irregular de animais.

Matemática

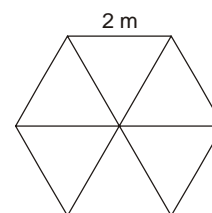
11. Um exame de sangue realizado em 20 pacientes do sexo feminino detectou o seguinte número de leucócitos (glóbulos brancos) em N/mm^3 :

5 800	7 100	3 100	6 800	5 900
1 300	2 800	6 900	2 950	3 300
4 000	5 900	5 700	3 900	4 750
2 000	5 100	4 500	3 600	4 130

O valor considerado normal (valor de referência) é entre 5 000 e 10 000 N/mm^3 inclusive. Está correto afirmar que a porcentagem de pacientes que está abaixo do valor mínimo de referência é de

- (A) 12%.
- (B) 20%.
- (C) 40%.
- (D) 60%.

12. Um salão de festas tem a forma de um hexágono regular de 2 m de lado. Traçando algumas de suas diagonais esse salão fica dividido em 6 partes iguais como mostra a figura abaixo.



Em apenas uma das áreas será colocado granito e as demais serão acarpetadas. Considerando $\sqrt{3} = 1,7$, está correto afirmar que para acarpetar o salão serão necessários

- (A) 1,7 m^2 de carpete.
- (B) 3,4 m^2 de carpete.
- (C) 7,6 m^2 de carpete.
- (D) 8,5 m^2 de carpete.

13. Diego tem em mãos um mapa de Minas Gerais na escala de 1:5 000 000. Com a ajuda de uma régua, mediu a distância no mapa entre as cidades de Belo Horizonte e Sete Lagoas. A distância encontrada, de 1,3 cm, representa, na realidade

- (A) 6 500 km.
- (B) 6,5 km.
- (C) 65 km.
- (D) 650 km.



14. Joana fez uma pesquisa e registrou, em minutos, o tempo que seus colegas gastam no percurso de casa ao trabalho, obtendo os seguintes resultados:

Tempo gasto (min)	Quantidade de pessoas
10	1
15	3
20	3
25	1
30	3
35	2
40	2
50	1
60	2
85	2
120	1

O tempo médio gasto pelos colegas de Joana nesse percurso é de

- (A) 40 minutos.
- (B) 35 minutos.
- (C) 30 minutos.
- (D) 20 minutos.

15. O sorriso misterioso de Mona Lisa, popularizado em pôsteres, cartões, camisetas a partir do quadro de 77 cm por 53 cm, pintado pelo renascentista Leonardo da Vinci no século XVI, tornou-se um ícone da cultura ocidental e completou 500 anos, ainda cercado de especulações sobre a dama. O quadro está exposto no Museu do Louvre, em Paris. Está correto afirmar que para emoldurar essa tela são necessários

- (A) 1,20 m de madeira.
- (B) 1,30 m de madeira.
- (C) 2,60 m de madeira.
- (D) 2,40 m de madeira.

16. Em uma caixa, existem 10 bolas numeradas de 1 a 10. Uma bola é retirada ao acaso. Qual é a probabilidade de a bola retirada apresentar um número maior que 4 e primo?

- (A) $\frac{1}{10}$
- (B) $\frac{1}{5}$
- (C) $\frac{2}{5}$
- (D) $\frac{3}{10}$

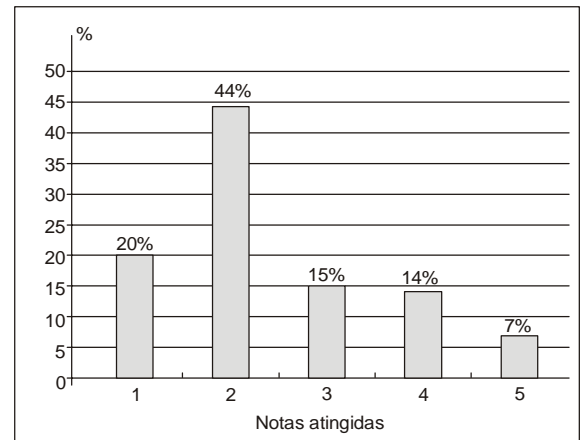
17. Sabe-se que a lei que fornece a temperatura T, em grau Celsius, de ebulição da água de acordo com a altitude h, em metros, é $T = 100 - 0,0034h$. Dessa forma, a altitude em que a temperatura de ebulição da água é 72,8 °C é de

- (A) 2 000 m.
- (B) 4 000 m.
- (C) 6 000 m.
- (D) 8 000 m.

18. Uma bala de canhão é lançada a partir do solo, descrevendo um arco de parábola com altura h (em metros) expressa em função do tempo t (em segundos) decorrido após o lançamento, pela lei: $h(t) = 40t - 5t^2$. Nessas condições, está correto afirmar que o tempo decorrido desde o lançamento até ela tocar novamente o solo é, em segundos, igual a

- (A) 4.
- (B) 6.
- (C) 8.
- (D) 10.

19. O gráfico abaixo representa a porcentagem de notas obtidas por uma sala de 50 alunos em um teste de conhecimentos gerais.



Sabendo-se que as notas variaram de 1 a 5 e que para aprovação foi necessário que o aluno obtivesse notas maiores ou iguais a 3, a quantidade de alunos aprovados foi

- (A) 20.
- (B) 18.
- (C) 16.
- (D) 14.

20. Dona Quitéria oferece chá da tarde em sua lanchonete. Ela serve:

- cinco variedades de chás;
- três sabores de pãezinhos;
- quatro qualidades de geleias;

Os clientes podem optar por um tipo de chá, um sabor de pão e uma geleia. Mariana toma lanche todos os dias no estabelecimento de Dona Quitéria. O número de vezes que Mariana pode tomar lanche sem repetir sua opção é

- (A) 60.
- (B) 50.
- (C) 45.
- (D) 40.

**CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS**

Instruções: Texto para as questões de números 21 a 23.

Num texto narrativo, o leitor é obrigado a optar o tempo todo. Na verdade, essa obrigação de optar existe até mesmo no nível da frase individual – pelo menos sempre que esta contém um verbo transitivo. Quando a pessoa que fala está prestes a concluir a frase, nós como leitores ou ouvintes fazemos uma aposta (embora inconscientemente): prevemos sua escolha ou nos perguntamos qual será sua escolha (pelo menos no caso de frases de impacto como “Ontem à noite no campo-santo do presbitério eu vi...”).

(Umberto Eco. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. S.Paulo: Cia. das Letras, 2010. p. 12)

21. A afirmação do autor relativa à obrigação de optar *até mesmo no nível da frase individual – pelo menos sempre que esta contém um verbo transitivo* justifica-se
- (A) pelo fato de a transitividade invariavelmente gerar uma dúvida relativa à ausência ou presença de preposição entre verbo e complemento, isto é, a incerteza sobre o fato de o verbo ser transitivo direto ou indireto.
 - (B) devido à introjeção das regras gramaticais pelo leitor, o que o leva a analisar, de modo consciente ou inconsciente, todas as frases que lê ou ouve, à procura das categorias gramaticais aprendidas na escola.
 - (C) em função da expectativa criada pelo verbo transitivo de que um ou mais objetos vão necessariamente acompanhá-lo, o que leva o ouvinte ou leitor à inevitável conjectura sobre esses complementos verbais.
 - (D) apenas na medida em que a transitividade de um verbo for entendida de maneira metafórica, o que abre ao leitor ou ouvinte a possibilidade de personificar seus eventuais complementos.
-
22. Os segmentos tomados ao próprio texto de Umberto Eco em que o autor emprega um verbo como transitivo direto e outro como bitransitivo são, respectivamente:
- (A) *fazemos uma aposta / nos perguntamos qual*
 - (B) *prestes a concluir a frase / prevemos sua escolha*
 - (C) *Quando a pessoa que fala / sempre que esta contém um verbo transitivo*
 - (D) *o leitor é obrigado / existe até mesmo no nível da frase individual*
-

23. “*Ontem à noite no campo-santo do presbitério eu vi...*”

Tendo em vista as estratégias de organização do discurso argumentativo, como expostas nas **Orientações Pedagógicas** da SEE/MG para o ensino de Língua Portuguesa, é correto afirmar que, ao inserir em seu texto o segmento acima transcrito, Umberto Eco se vale da

- (A) comparação.
- (B) citação.
- (C) analogia.
- (D) exemplificação.



Instruções: Texto para as questões de números 24 a 28.

O que é uma espécie?

Se você visitar o Parque Provincial de Algonquin, em Ontário, Canadá, poderá ouvir os uivos solitários dos lobos e, com um pouco de sorte, observará ao menos de relance uma alcateia correndo, ao longe, através da floresta. Mas quando chegar em casa todo contente por ter avistado aqueles animais, qual a espécie de lobo você dirá ter encontrado? Se for tirar a dúvida com dois ou três cientistas, talvez ouça diferentes respostas. Pode até acontecer de um deles ficar em dúvida e lhe dizer que se trata dessa ou daquela espécie.

É surpreendente ver o quanto os cientistas vêm debatendo para chegar a um consenso sobre algo tão simples e decidir se esse ou aquele grupo de organismos constitui ou não uma espécie. Talvez isso se deva ao latim, que deu nomes às espécies, carregados de uma certeza absoluta, levando o público a pensar que as regras são muito simples.

Charles Darwin se divertia com essa questão. "É engraçado ver como diferentes ideias se manifestam nas diferentes mentes dos naturalistas, quando eles falam em 'espécies'", escreveu em 1856. "Tudo isso resulta da tentativa de definir o indefinível." As espécies, de acordo com Darwin, nunca foram entidades fixas que surgiram quando da criação. Elas evoluíram. Cada grupo de organismos que chamamos de espécie surgiu como uma variedade a partir de espécies mais antigas. Com o passar do tempo, a seleção natural os transformou, enquanto se adaptavam ao ambiente. Entretanto outras variedades se tornaram extintas. Uma variedade antiga, no final, torna-se completamente diferente de todos os outros organismos – e isso é o que entendemos como uma espécie em si. "Eu vejo o termo 'espécie' como um conceito arbitrário, cunhado apenas por mera conveniência, para designar um grupo de indivíduos muito semelhantes entre si", disse Darwin.

(Fragmento adaptado de Carl Zimmer, **Scientific American Brasil**, edição 111, agosto de 2011, http://www2.uol.com.br/sciam/aula_aberta/o_que_e_uma_especie.html)

24. A explicação dada por Darwin para a impossibilidade de se definirem as espécies com precisão – *definir o indefinível* – está centrada na
- (A) singularidade do olhar de cada naturalista para algo tão complexo quanto a natureza.
 - (B) diversidade dos indivíduos que pertencem a uma mesma espécie.
 - (C) impermanência das características dos grupos de indivíduos ao longo do tempo.
 - (D) arbitrariedade inescapável de todo e qualquer conceito ou classificação.
-
25. A partir de características presentes no texto, pode-se afirmar corretamente sobre o seu gênero:
- (A) Palavras como *organismos*, *entidades* e *variedades*, próprias do vocabulário da ciência, indicam que se trata de artigo especializado escrito para publicação dirigida à comunidade científica.
 - (B) Dirigir-se ao leitor como *você* e colocar uma situação inicial relacionada à ciência, mas ao alcance da maioria das pessoas, são indícios de que se trata de um artigo de divulgação científica.
 - (C) A presença constante de frases de Charles Darwin, em discurso direto, é um dos elementos que levam à conclusão de que se trata de relato biográfico romanceado sobre o naturalista inglês.
 - (D) O objetivo recorrente de instruir, indicado já no título do artigo, demonstra tratar-se de texto didático escrito para publicação dirigida a estudantes de biologia ou ciências naturais.
-
26. Quanto aos sinais de pontuação empregados no texto, é correto afirmar:
- (A) Em *Talvez isso se deva ao latim, que deu nomes às espécies, carregados de uma certeza absoluta*, a retirada da primeira vírgula implicaria prejuízo para o sentido e a correção da frase.
 - (B) Em *Uma variedade antiga, no final, torna-se completamente diferente de todos os outros organismos – e isso é o que entendemos como uma espécie em si*, o travessão poderia ser substituído por dois-pontos sem prejuízo para o sentido da frase.
 - (C) Em *Charles Darwin se divertia com essa questão. "É engraçado (...)"*, a substituição do ponto final por dois-pontos implicaria prejuízo para o sentido e a correção do segmento.
 - (D) Em *"É engraçado ver como diferentes ideias se manifestam nas diferentes mentes dos naturalistas, quando eles falam em 'espécies'"*, a retirada da vírgula implicaria prejuízo para o sentido da frase.



27. Se você visitar o Parque Provincial de Algonquin, em Ontário, Canadá, poderá ouvir os uivos solitários dos lobos ...

“Eu vejo o termo ‘espécie’ como um conceito arbitrário, cunhado apenas por mera conveniência, para designar um grupo de indivíduos muito semelhantes entre si” ...

Identificam-se nas orações grifadas nas frases acima, respectivamente, noções de

- (A) lugar e consecução.
- (B) concessão e modo.
- (C) condição e fim.
- (D) tempo e comparação.

28. Se for tirar a dúvida com dois ou três cientistas, talvez ouça diferentes respostas.

Sobre os efeitos de sentido obtidos com a construção da frase acima, é correto afirmar:

- (A) A elipse do pronome **você**, que viria antes da locução verbal *for tirar*, indica que o autor está se dirigindo a todos os leitores e não a um leitor em particular.
- (B) A anteposição do adjetivo *diferentes* ao substantivo por ele modificado sugere uma delimitação mais estrita de *respostas* do que se o adjetivo estivesse posposto.
- (C) O emprego do advérbio *talvez* e a conjugação do verbo **ouvir** no presente do subjuntivo reforçam o caráter dubitativo e hipotético da situação exposta.
- (D) O uso da conjunção **ou** em *dois ou três cientistas* tende a acentuar a ambiguidade da frase, que já é equívoca de saída por iniciar-se com a conjunção **se**.

Instruções: Texto para as questões de números 29 a 31.

Existe uma história, talvez apócrifa, do ilustre biólogo britânico J. B. S. Haldane, quando se encontrava na companhia de um grupo de teólogos. Ao ser perguntado o que se poderia concluir da natureza do Criador pelo estudo de sua criação, Haldane teria respondido: “Uma predileção desmesurada por besouros.”

(G. Evelyn Hutchinson, citado por Stephen Jay Gould, **Dinossauro no palheiro**, S.Paulo, Cia. das Letras, 1997, p.453)

Atenção: Para responder à questão de número 29, considere também o texto anterior.

29. Da leitura conjunta dos textos é possível fazer a seguinte inferência:

- (A) Para Haldane, a classificação dos grupos de seres vivos em espécies distintas nunca foi um problema, já que, diferentemente de Darwin, ele pensava que Deus havia criado os animais, como os besouros, em entidades fixas.
- (B) Ainda que o conceito de espécie e, particularmente, sua aplicação sejam bastante controversos, é incontestável a existência de uma infinidade de espécies de besouros que não encontra paralelo na natureza.
- (C) A dúvida relativa ao conceito de espécie e à sua aplicação não se estende aos besouros, já que estes se destacam na natureza justamente pelas características peculiares de cada uma de suas espécies.
- (D) Assim como Darwin, Haldane foi um evolucionista que nunca colocou em questão a existência do criador, embora recusasse a cronologia bíblica da criação dos seres vivos na Terra.

30. *“Uma predileção desmesurada por besouros.”*

A frase de Haldane, dada em resposta à pergunta feita pelos teólogos, pode ser vista corretamente como

- (A) conciliadora e empática.
- (B) lacônica e cifrada.
- (C) imprecisa e contraditória.
- (D) irônica e chistosa.



31. *Ao ser perguntado o que se poderia concluir da natureza do Criador pelo estudo de sua criação, Haldane teria respondido...*

Sobre o emprego da locução verbal grifada na frase acima transcrita, é correto afirmar:

- (A) a opção pelo futuro do pretérito composto é inteiramente adequada à incerteza sobre a real ocorrência do fato, expressa pela alusão anterior ao caráter possivelmente apócrifo da história.
- (B) o uso do pretérito perfeito composto é pouco adequado já que, podendo ser apócrifa a história, isto é, falsa ou inautêntica, o autor deveria ter optado pelo imperfeito do subjuntivo.
- (C) a utilização do futuro do pretérito composto é relativamente inadequada, pois, mesmo apócrifa, ou seja, transmitida oralmente, não há dúvida sobre a veracidade da história e, assim, o autor deveria ter utilizado o pretérito perfeito simples.
- (D) a opção pelo pretérito perfeito composto é inteiramente justificada pelo contexto, pois, mesmo apócrifa, isto é, de autoria desconhecida, não há dúvida sobre a veracidade da história.

32. *Um enunciado ou um texto nunca é somente uma informação: nele estão envolvidos processos de subjetivação, de argumentação, de construção do real. Em outras palavras, todo uso que se faz da linguagem é ideológico; logo, as informações que recebemos – inclusive as do domínio jornalístico – não são uma simples reprodução do real.*

As afirmações acima transcritas, retiradas das **Orientações Pedagógicas** da SEE/MG para o ensino de Língua Portuguesa, implicam o reconhecimento de que

- (A) a transparência da linguagem é facultativa.
- (B) todo discurso é falso em alguma medida.
- (C) a linguagem é desvinculada da realidade.
- (D) a neutralidade do discurso é um mito.

Instruções: Texto para as questões de números 33 e 34.

Para a gramática normativa, a língua corresponde às formas de expressão produzidas por pessoas cultas, de prestígio. Nas sociedades que têm língua escrita, é principalmente esta modalidade que funciona como modelo, acabando por representar a própria língua. Eventualmente, a restrição é ainda maior, tomando-se por representação da língua a expressão escrita elaborada literariamente. É a essa variante que se costuma chamar “norma culta” ou “variante padrão” ou “dialeto padrão”. Na verdade, em casos mais extremos, mas não raros, chega-se a considerar que esta variante é a própria língua.

(adaptado de Sírio Possenti, **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, Mercado de Letras, 1996, p.74)

33. Considerando o fragmento transcrito em conjunto com as diretrizes expostas na **Proposta Curricular – CBC** da SEE/MG para o ensino de Língua Portuguesa, é correto afirmar que a escola tem como tarefa ensinar

- (A) apenas a norma culta ou padrão da língua portuguesa, por diversos motivos: é ela a variante reconhecida e prestigiada socialmente; para as pessoas cultas, ela *funciona como modelo* e *acaba por representar a própria língua*; e, finalmente, é a única variante livre dos inevitáveis preconceitos dirigidos às demais variantes.
- (B) a norma culta ou padrão da língua portuguesa, pois é a que o aluno em geral não domina, mas deve recusar a ideia de que *esta variante é a própria língua*, isto é, não pode desconsiderar as outras variantes e nem dar lugar à expressão dos preconceitos que costumam ser dirigidos a algumas delas.
- (C) apenas as variantes que são geralmente desconsideradas por aqueles que privilegiam a norma culta, chegando a crer que *esta variante é a própria língua*; ao privilegiar os dialetos menos cultos e os registros menos formais, a escola pode valorizar o conhecimento prévio do aluno e combater os preconceitos linguísticos.
- (D) as variantes ou os dialetos utilizados pelos alunos, no caso da língua oral, para que eles não se sintam vítimas do preconceito linguístico, ao passo que o ensino da norma culta deve ser reservado para os momentos em que se trabalha a *expressão escrita elaborada literariamente*, nas aulas de literatura.

34. À gramática normativa, a que se refere Sírio Possenti, pode ser contraposta a gramática descritiva, que

- (A) recusa aceitar a noção de regra, propugnando a inalienável liberdade do falante no uso da língua.
- (B) procura estudar as regras das variantes menos valorizadas socialmente, sem se ater à norma culta.
- (C) se limita à descrição dos usos particulares da língua, que se furtam a qualquer sistematização.
- (D) enfatiza as noções de regularidade e variação em detrimento de noções como correção ou erro.



Instruções: Texto para as questões de números 35 e 36.

Narciso: Filho de Cefiso e da Ninfa Liríope, da Beócia. Era o jovem de extraordinária beleza; o adivinho Tirésias havia predito que viveria enquanto não se visse. Desprezou os amores da Ninfa Eco, que secou de mágoa. Voltando, um dia, da caça, inclinou-se para beber numa clara fonte, onde, pela primeira vez, viu seu semblante. Apaixonou-se por si mesmo. Desesperado por não poder se reunir ao objeto de sua paixão, cai, extenuado, ao lado da fonte, e ali desfalece. Choram as Ninfas, as Dríades e as Náíades. E já preparavam a pira fúnebre e as tochas para a cerimônia do sepultamento; mas o corpo havia desaparecido. No seu lugar encontraram uma flor cor de açafraão com a corola cingida de folhas brancas.

(Tássilo Orpheu Spalding, **Dicionário de Mitologia Greco-Latina**, Belo Horizonte, Itatiaia, 1965)

35. Leia atentamente as afirmações abaixo sobre o texto.

- I. A autodestruição causada pelo excessivo amor próprio é um dos aspectos fulcrais do mito de Narciso.
- II. A menção à flor encontrada no lugar onde antes estava o corpo do jovem aponta para um dos sentidos fundamentais do mito: a explicação da origem das coisas.
- III. A observação de que Narciso voltava *da caça* indica que sua morte foi também uma punição aplicada pelos deuses devido à matança de animais selvagens.

Está correto o que se afirma APENAS em

- (A) I.
- (B) II.
- (C) I e II.
- (D) II e III.

36. O tratamento dado ao mito em uma obra de referência, como o dicionário de onde foi extraído o verbete sobre Narciso, implica algumas características do texto, tais como

- (A) a ordem direta na construção das frases e a redução dos episódios a um núcleo mínimo essencial.
- (B) o predomínio do tempo presente e a preferência pela argumentação em detrimento da narração.
- (C) a ausência dos marcadores discursivos típicos da narrativa e a ordem direta na construção das frases.
- (D) a inexistência de adjetivação e a ausência dos marcadores discursivos típicos da narrativa.

Instruções: Poema para as questões de números 37 e 38.

*Para Narciso
o olhar do outro, a voz
do outro, o corpo
é sempre o espelho
em que ele a própria imagem mira.
E se o outro é
como ele
outro Narciso,
é espelho contra espelho:
o olhar que mira
reflete o que o admira
num jogo multiplicado em que a mentira
de Narciso a Narciso
inventa o paraíso.*

(Fragmento de **Narciso e Narciso**, de Ferreira Gullar)

37. Considerando o mito de Narciso, tal como aparece no texto anterior, é correto afirmar que o modo como Ferreira Gullar o traz para o seu poema consiste

- (A) na utilização de uma história pagã para aludir ao tema cristão do paraíso perdido, de modo a criticar sutilmente as crenças religiosas.
- (B) na atualização de um aspecto que estava presente na história original, na medida em que a imagem refletida já pressupõe a alteridade.
- (C) no embaralhamento entre ser e imagem, pois o sujeito não é mais capaz de decidir sobre a realidade ou a irrealidade de sua projeção especular.
- (D) na transformação em cômico do trágico presente na história original, ao tratar das peripécias vividas por aquele que não sabe se ele é ele mesmo ou um outro.



38. Dos procedimentos formais de que o poeta lança mão na fatura do poema, é correto destacar
- (A) o espelhamento presente nos versos *espelho contra espelho* e *Narciso a Narciso*, e a sequência de palavras *mira, admira* e *mentira*, em que, mais do que rimas, temos dois vocábulos em que uma mesma palavra como que se espelha.
 - (B) o uso da sinestesia, na mistura entre os sentidos da visão, da audição e do tato, e a metrificação rigorosa que apresenta versos de dez e de quatro sílabas poéticas, sugerindo a alternância entre um Narciso e outro.
 - (C) a personificação do espelho e o hipérbato presente no verso *em que ele a própria imagem mira*, inversão da ordem natural das palavras que sugere a interposição do espelho entre ser e imagem.
 - (D) expressões metafóricas como *a própria imagem mira e reflete o que o admira*, e as aliteraões e assonâncias presentes em quase todos os versos – como em *olhar, outro, corpo, própria* – e que remetem à quebra do espelho.
-
39. Ao tratar de atividades realizadas com revistas, as **Orientações Pedagógicas** da SEE/MG para o ensino de Língua Portuguesa estabelecem como *primeira condição para o aprendizado [...] fazer do espaço escolar um locus de circulação desse suporte*, o que tem como pressuposto
- (A) as imagens que o acompanham em uma revista podem, em muitos casos, tornar desnecessária a leitura do texto escrito.
 - (B) a compreensão de um texto, quando destacado de seu suporte original, é praticamente inviabilizada por essa supressão.
 - (C) para a formação de um leitor crítico, é mais importante o contato com o suporte de um texto do que sua leitura.
 - (D) o manuseio e o contato tátil e visual com seu suporte são fundamentais para a leitura proficiente de um texto.

40. *Fala e escrita constituem duas modalidades de uso da língua. Embora se utilizem, evidentemente, do mesmo sistema linguístico, elas possuem características próprias. Isso não significa, porém, que fala e escrita devam ser vistas de forma dicotômica, estanque, como era comum até há algum tempo e, por vezes, acontece ainda hoje. É Marcuschi quem escreve: "As diferenças entre fala e escrita se dão dentro do continuum tipológico das práticas sociais e não na relação dicotômica de dois polos opostos".*

(Adaptado de Ingedore Villaça Koch, **O texto e a construção dos sentidos**, S.Paulo, Contexto, 2010, p. 77)

Com relação ao papel desempenhado pela citação no contexto do fragmento acima transcrito, é correto afirmar: a frase tomada a Marcuschi

- (A) relativiza as afirmações da autora sobre a ausência de solução de continuidade entre fala e escrita, na medida em que alude às *diferenças entre fala e escrita*, entendidas como *dois polos opostos*.
- (B) ratifica as afirmações da autora sobre a ausência de qualquer separação mais radical entre fala e escrita e acrescenta a ideia de que essa continuidade tem lugar no interior das *práticas sociais*.
- (C) não acrescenta nada de verdadeiramente novo ao que a própria autora afirma sobre a impossibilidade de separação entre fala e escrita, ainda que reforce a recusa a vê-las como *polos opostos*.
- (D) exemplifica a afirmação da autora do que *era comum até há algum tempo e, por vezes, acontece ainda hoje*, isto é, a visão de que fala e escrita devem ser tratadas separadamente, cada uma em sua especificidade.

Instruções: Poema para as questões de números 41 a 43.

Poema tirado de uma notícia de jornal

*João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da
[Babilônia num barracão sem número.
Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro
Bebeu
Cantou
Dançou
Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.*

(Manuel Bandeira. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985, p. 214)

41. Manuel Bandeira vale-se, nesse poema, de uma específica proposição poética do Modernismo de 22:
- (A) transcrever matérias de jornal, confiando em que a linguagem deste dispense toda e qualquer interferência do poeta.
 - (B) revestir as notícias de jornal da retórica característica da linguagem literária mais burilada.
 - (C) surpreender no cotidiano, em linguagem despojada, a poesia direta, bruta e desconcertante da vida.
 - (D) ironizar os defensores do verso livre, que acreditavam ser possível fazer poesia abdicando da regularidade da métrica.



42. O fato jornalístico que está na base do poema
- (A) não apresenta, em si mesmo, nada que possa provocar o interesse do público.
 - (B) funciona como uma denúncia da discriminação social sofrida por certa classe de trabalhadores.
 - (C) ganha repercussão ao apontar para a tragédia amorosa de que João Gostoso foi protagonista.
 - (D) é representado como uma cadeia de ações com final insólito, aparentemente injustificável.
-
43. Ao afirmar que seu poema foi **tirado** de uma notícia de jornal, Manuel Bandeira lembra-nos uma característica marcante de sua poesia:
- (A) a **deapuração**, pela qual seus versos se limitam às palavras essenciais da poesia mais simples.
 - (B) a **sátira**, pela qual se condena a banalidade do cotidiano em que os poetas medíocres enxergam poesia.
 - (C) o **confidencialismo**, pelo qual o poeta pretende se tornar íntimo de seus leitores.
 - (D) o **preciosismo**, pelo qual o poeta recupera traços estilísticos do antigo jornalismo literário.
-

Instruções: Texto para as questões de números 44 e 45.

ABC

Quando a gente aprende a ler, as letras, nos livros, são grandes. Nas cartilhas – pelo menos nas cartilhas do meu tempo – as letras eram enormes. Lá estava o A, como uma grande tenda. O B, com seu grande busto e a barriga ainda maior. O C, sempre pronto a morder a letra seguinte com sua boca.

À medida que a gente ia crescendo, as letras iam diminuindo. E as palavras, aumentando. (...) De tanto ler palavras, nunca mais reparamos nas letras. E de tanto ler frases, nunca mais notamos as palavras, com todo o seu mistério.

(Adaptado de Luis Fernando Verissimo – **Comédias para se ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, pp. 113/114)

44. No primeiro parágrafo, a atenção do autor se volta para
- (A) as características sonoras de certos fonemas.
 - (B) as sugestões icônicas das letras tipográficas.
 - (C) a simbolização própria das letras do nosso alfabeto.
 - (D) o intento lúdico que está na origem das letras do alfabeto.
-
45. No segundo parágrafo, considera-se que, com o tempo e a progressão das leituras, o leitor
- (A) vai-se inteirando cada vez mais da importância que deve atribuir às formas minuciosas da linguagem escrita.
 - (B) vai percebendo o valor que tem a oralização de um texto para que se alcance a interpretação adequada de seu sentido.
 - (C) deixa de notar que as formas das letras e das palavras são decisivas para a compreensão de um texto.
 - (D) automatiza a leitura, deixando de atentar para as singularidades dos elementos formadores da linguagem.
-

Instruções: Texto para as questões de números 46 e 47.

(...) nesses dias descobri que, de todas as ideias que não funcionam, a mais estéril é decidir com antecedência o tema de uma crônica. Crônicas são como cogumelos, brotam onde querem, espontaneamente, e não convém colhê-las muito antes da hora nem demorar para tirá-las da terra, sob o risco de secarem e perderem o sabor.

(Antonio Prata. **Folha de S. Paulo**, 5/10/2011)

46. A associação que se estabelece nesse texto entre **crônicas** e **cogumelos** deve ser considerada
- (A) uma metáfora inconsequente, uma vez que não desempenha, de fato, uma função expressiva no texto.
 - (B) um símile produtivo, de vez que constitui figuração esclarecedora de um pensamento.
 - (C) um lance de humor, já que se trata de uma comparação desprovida de qualquer sentido.
 - (D) uma alegoria incompreensível, de vez que os termos associados provêm de contextos distintos.
-
47. A seguinte consideração acerca do gênero **crônica** é compatível com a concepção que faz dela o autor do texto:
- (A) a presença de elementos narrativos é definidora e indispensável.
 - (B) uma tese simples e clara será o núcleo de uma sucinta dissertação.
 - (C) a naturalidade se impõe pela maturação de uma linguagem simples.
 - (D) sem a imperfeição dos improvisos não há como desenvolvê-la.
-



48. *Num país sem tradições, é compreensível que se tenha desenvolvido a ânsia de ter raízes, de aprofundar no passado a própria realidade, a fim de demonstrar a mesma dignidade histórica dos velhos países. Nesse afã, os românticos compuseram uma literatura para o passado brasileiro, estabelecendo troncos a que se pudesse filiar (...)*

(Antonio Candido)

No trecho crítico acima, há elementos que ajudam a compreender

- (A) a emergência da literatura indianista do século XIX.
- (B) os efeitos imediatos do abolicionismo sobre nossa literatura.
- (C) a razão de ser da chamada literatura de informação.
- (D) o prestígio do bucolismo ao final do século XVIII.

Instruções: Texto para as questões de números 49 e 50.

*A divisão em “etapa da análise” e “etapa da interpretação”, que tantas vezes propomos em nome da boa ordem escolar, deve sofrer uma severa crítica. Ela dá margem a um preconceito bastante antiquado, segundo o qual só chegaremos a compreender o todo se o dividirmos em elementos e descrevermos cada um deles. A hipótese do **círculo filológico**, elaborada por Leo Spitzer, já desfazia o equívoco dessa técnica rudimentar e recomendava um ir e vir do todo às partes e das partes ao todo: uma prática intelectual que solda na mesma operação as tarefas do analista e do intérprete.*

(Alfredo Bosi. **Céu, inferno**)

49. Depreende-se do fragmento crítico acima que uma análise morfológica e uma interpretação cultural de um texto
- (A) são operações distintas e independentes, que não se devem confundir.
 - (B) constituem operações convergentes, mas que devem exercitar-se em dois planos bem distintos.
 - (C) compõem uma hierarquia, já que a interpretação exige requisitos intelectuais superiores aos da análise.
 - (D) devem articular-se dialeticamente, em uma progressiva e recíproca colaboração.

50. Materializando as ideias desse texto no reconhecimento crítico de um poema coloquial modernista, por exemplo, haveria que se considerar
- (A) primeiramente todas as formas da linguagem coloquial utilizada, e por último o significado do poema como um todo.
 - (B) o fato de que o coloquialismo, sendo um anseio geral do modernismo, deve ser identificado em cada uma de suas formas.
 - (C) o modo pelo qual vão se articulando os recursos da linguagem coloquial e o efeito poético do conjunto.
 - (D) o levantamento das expressões coloquiais, levando em conta a intensidade poética já reconhecida em cada uma delas.

Instruções: Textos para as questões de números 51 a 53.

Atente para estes dois textos, que constam das páginas iniciais de dois grandes romances brasileiros:

- I. *Antes de iniciar este livro, imaginei construí-lo pela divisão de trabalho. Dirigi-me a alguns amigos e quase todos consentiram em contribuir para o desenvolvimento das letras nacionais. Padre Silvestre ficaria com a parte moral e as citações latinas; João Nogueira aceitou a pontuação, a ortografia e a sintaxe; para a composição literária convidei Lúcio Gomes de Azevedo Gondim, redator e diretor do Cruzeiro. (...)*

Abandonei a empresa e iniciei a composição de repente, valendo-me de meus próprios recursos e sem indagar se isto me traz qualquer vantagem, direta ou indireta.

(Graciliano Ramos. **S. Bernardo**. S. Paulo: Martins, 1970, 12. ed.)

- II. *Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer? (...) A história – determino com falso livre arbítrio – vai ter uns sete personagens e eu sou um dos mais importantes deles, é claro. Eu, Rodrigo S. M. Relato antigo, este, pois não quero ser modernoso e inventar modismos à guisa de originalidade.*

(Clarice Lispector. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: José Olympio, 4. ed., 1978)

51. Encontra-se, nessas passagens de Graciliano Ramos e Clarice Lispector o elemento comum da
- (A) opção pela oralidade na condução da narrativa.
 - (B) custosa decisão de se narrar na terceira pessoa.
 - (C) apresentação de protagonistas marcados pelo exotismo.
 - (D) problematização do ato mesmo de narrar.

52. Há uma tonalidade irônica em ambos os textos, representada pelas seguintes expressões:

- (A) *imaginei construí-lo pela divisão de trabalho* e *a história vai ter uns sete personagens*.
- (B) *contribuir para o desenvolvimento das letras nacionais* e *eu sou um dos mais importantes deles, é claro*.
- (C) *Iniciei a composição de repente* e *como começar pelo início (...)?*
- (D) *Dirigi-me a alguns amigos* e *inventar modismos à guisa de originalidade*.



53. **S. Bernardo e A hora da estrela** – os dois romances a que pertencem esses textos – são exemplos, respectivamente,
- (A) da ficção regionalista imediatamente pós-modernista e da ficção intimista desenvolvida de maneira autocrítica.
 - (B) do naturalismo tardio do século XX e de narrativa documental em tom de reportagem.
 - (C) da prosa de teor psicológico, que predominou na década de 30 do século passado, e de memorialismo confessional.
 - (D) da literatura engajada dos anos da II Guerra e do realismo fantástico de inspiração latino-americana.

Instruções: Texto para as questões de números 54 e 55.

Prólogo da terceira edição

*A primeira edição destas **Memórias póstumas de Brás Cubas** foi feita aos pedaços na **Revista Brasileira**, pelos anos de 1880. Postas mais tarde em livro, corrigi o texto em vários lugares. Agora que tive de o rever para a terceira edição, emendei alguma coisa e suprimi duas ou três dúzias de linhas.*

O que faz do meu Brás Cubas um autor particular é o que ele chama de “rbugens de pessimismo”. Há na alma deste livro, por mais risonho que pareça, um sentimento amargo e áspero, que está longe de vir de seus modelos. Não digo mais para não entrar na crítica de um defunto que se pintou a si e aos outros, conforme lhe pareceu melhor e mais certo.

Machado de Assis

(Machado de Assis. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986)

54. Ao assinar com seu nome o prólogo desse romance, Machado de Assis deixa ver que
- (A) ele e Brás Cubas fundem-se em uma mesma pessoa, já que compartilham as mesmas memórias e os mesmos sentimentos básicos.
 - (B) a ironia mordaz permite que ele apresente como se fossem suas as memórias de um amigo já defunto.
 - (C) é necessário distinguir entre a pessoa do escritor e a identidade firmada pelo narrador de sua história.
 - (D) a narração em primeira pessoa não permite distinguir entre o autor do livro e o narrador da história nele publicada.
55. Neste prólogo, há uma clara referência ao fato de que
- (A) no século XIX, os romances que alcançavam prestígio nas livrarias popularizavam-se em seguida nas edições dos jornais.
 - (B) era muito comum, ao tempo dos nossos escritores românticos e realistas, publicar-se aos poucos o chamado romance de folhetim.
 - (C) um romance de autor iniciante era costumeiramente apresentado ao público por um crítico literário já consagrado.
 - (D) o autor se responsabiliza por ter acrescentado ao livro algumas notas de pessimismo, que o afasta do gosto predominante da época.

Instruções: Texto para as questões de números 56 e 57.

A ilusão do migrante (fragmento)

*Quando vim da minha terra,
não vim, perdi-me no espaço,
na ilusão de ter saído.
Ai de mim, nunca saí.
Lá estou eu, enterrado
por baixo de falas mansas,
por baixo de negras sombras,
por baixo de lavras de ouro,
por baixo de gerações,
por baixo, eu sei, de mim mesmo,
este vivente enganado, enganoso.*

(Carlos Drummond de Andrade)

56. O título desse poema justifica-se plenamente quando se considera que, nesses versos, o poeta mineiro confessa que
- (A) seu exílio em terras estrangeiras fê-lo amar ainda mais sua terra natal e as lembranças de seus antepassados.
 - (B) seu amor pelos valores do berço natal não se manteve o mesmo depois que saiu de sua terra.
 - (C) foram determinantes e indeléveis as marcas da terra e da cultura que o formaram como indivíduo.
 - (D) encontrou na religião uma nova conexão com os hábitos de sua terra e os valores de sua família.



57. O poeta se vale, nesses versos, de um recurso poético que sugere o ritmo e o andamento de uma reza:
- (A) as metáforas de *negras sombras e lavras de ouro*.
 - (B) a expressão interjectiva *Ai de mim*.
 - (C) as anáforas representadas pelas ocorrências de *por baixo*.
 - (D) a confissão traduzida pela expressão *eu sei*.

Instruções: Texto para as questões de números 58 a 60.

Considerando-se a literatura brasileira em suas realizações maiores, de meados ao fim do século passado, vê-se que é alto o valor das obras e grande a sua diversidade. Na prosa, há que se destacar uma polarização: o intimismo dos romances de Clarice Lispector, cujos narradores tanto mergulham no fundo mesmo da pessoa quanto sondam o valor das palavras mesmas, e o modo épico-poético das páginas de Guimarães Rosa, que se rendeu à complexidade do mundo sertanejo sem abrir mão das mais ousadas invenções linguísticas. Na poesia, a fase definitivamente madura de Carlos Drummond de Andrade, em versos que vão da investigação mais profunda do sujeito até o plano das memórias longínquas, e a maturação da poesia de João Cabral de Melo Neto, mestre do poema dramático ou narrativo e senhor da linguagem disciplinada e ordenada de uma original “geometria” artística. Está nesse quarteto, possivelmente, a prova de que nossa literatura dialoga de igual para igual com outras grandes literaturas nacionais.

O fato mesmo de nenhum desses autores reivindicar para si qualquer atributo de nacionalismo é sintomático: parece que já não temos vergonha de pleitear nosso quinhão do universal.

(Bolívar Gomide, inédito)

58. A polarização apontada entre Clarice Lispector e Guimarães Rosa resulta bastante clara quando se confrontam
- (A) a desconfiança que manifesta a autora em relação ao poder do discurso verbal e a confiança que deposita Rosa no caráter mágico das palavras.
 - (B) o desnorteante sentimentalismo das personagens de Clarice, ingênuas e desarmadas, e a segura prosaica dos rudes sertanejos de Rosa.
 - (C) o otimismo que mal se disfarça no plano profundo dos narradores de Clarice e o pessimismo que dá o tom das expectativas dos narradores de Rosa.
 - (D) a feição límpida e clássica da linguagem de Clarice, sobretudo nas obras iniciais, e as contrações barrocas do estilo de Rosa, em seus momentos mais altos.

59. Sem indicar propriamente uma polaridade, o texto acusa uma diferença entre as fases maduras de Drummond e João Cabral:
- (A) no primeiro, o lirismo se aprofunda como reflexão e lembrança; no segundo, a forma se apura como busca de exatidão.
 - (B) o segundo, ao contrário do primeiro, abandona o caráter reflexivo da poesia para investir em temas sociais.
 - (C) o primeiro retorna às origens de sua linguagem clássica, ao passo que o segundo se deixa atrair pelas vanguardas.
 - (D) no primeiro, já não há a sedução dos enigmas ou do passado familiar; no segundo, a ironia passa a corroer a dureza das formas.

60. *O fato mesmo de nenhum desses autores reivindicar para si qualquer atributo de nacionalismo é sintomático: parece que já não temos vergonha de pleitear nosso quinhão do universal.*

Deduz-se da frase acima que

- (A) em nossa literatura, a busca dos valores nacionais sempre constituiu um traço de maturidade cultural.
- (B) o nacionalismo, quando perseguido com obstinação, revela pouca confiança no alcance de uma literatura.
- (C) é injustificável a vergonha que provoca em alguns autores a defesa intransigente dos valores nacionais.
- (D) uma literatura somente se torna madura quando abdica conscientemente do desejo de ser universal.